

APRESENTAÇÃO / PRESENTATION

Precisões pós-estruturalistas

Post-Structuralist Precisions

Periodizar etapas dentro da progressão conceitual de filósofos é uma proposta que decorre do privilégio que certos pesquisadores tinham a compartilhar a intimidade de uma obra em criação, mesmo quando a topografia de uma obra assume as linhas finas de um relevo consistente apenas com a morte do pensador. O momento do segundo Wittgenstein, a *Kehre* em Heidegger ou a eclosão de um terceiro período, a fase científica em Marx após o corte epistemológico, ou a guinada metafísica em Putnam representam casos distintos do trabalho meticuloso, recortado e ajustado pela pesquisa filosófica, a tornar inteligível a dinâmica interna de uma obra. Entretanto, periodizar etapas por dentro da progressão conceitual de uma tradição filosófica *nacional* é frequentemente uma perspectiva que se articula para fora do país e do idioma em que se criou.

Nada na determinação de um período após o estruturalismo prejudicou o pensamento francês quando o termo de *pós-estruturalismo* se apregoava nas universidades estadunidenses no final dos anos de 1970. O estruturalismo remetia a diversos projetos que buscavam mapear os fundamentos epistemológicos de várias ciências humanas em um momento em que estas se confrontaram a uma gama de novos conceitos e de inovação teórica provenientes de fontes científicas. Ao julgar pelas diversas histórias da filosofia francesa escritas até o fim do século passado, a vigência do estruturalismo durou pouco, dos anos 1950 até o fim dos anos de 1960. A curta duração se compensou por uma intensa sequência de livros publicados cujo impacto sobre as ciências humanas e sociais ainda não se esgotou.

O *post-structuralism* teria então surgido na virada da década de 1960 como proposta filosófica a radicalizar o ato crítico, voltando-o não apenas contra o programa filosófico de pensadores estruturalistas, mas contra a ideia mesma de análise estrutural e seu programa de fundamentação das ciências humanas. Nos pensadores identificados como pós-estruturalistas, os critérios da crítica filosófica se aplicavam



aos modelos historiográficos vigentes para desvendar novas perspectivas sobre a objetividade transhistórica e conclusões empíricas em relação às quais a filosofia europeia analisava o fenômeno da subjetividade desde o amanhecer da modernidade. Pela perspectiva interna à produção filosófica francesa daquele momento, o problema com este retrato é que na França o termo *post-structuralisme* não era reconhecido, e se for aceito hoje, se faz com relutância. Na continuidade desta visão extranacional, confeccionada principalmente em universidades norte-americanas, a lição a tirar deste dilema é da ordem do compromisso, a saber, descrever os novos passos da constelação teórica sem distorcer a percepção interna que uma tradição possa gerar sobre sua própria produção, evitando desta maneira acordar as formas de xenofobia histórica ou chauvinismo prepotente que urdam os nacionalismos vulgares.

Este cuidado com a fonte francesa está compartilhado nos artigos compondo o dossiê apresentado neste segundo número de *Veritas* de 2017, "**Precisões pós-estruturalistas**". O dossiê proposto não pretende contribuir para com a resolução dos problemas concernentes à denominação do pós-estruturalismo. Em outro dossiê organizado pelo presente editor, denominado "Sistema e Ontologia na Filosofia Francesa Contemporânea" e publicado em duas partes nos respectivos números 2 de 2013 e 2014 da revista *Veritas*, sugeriu-se que um dos ramos da filosofia francesa atual reencontrou o estruturalismo, a partir do qual se formaram novas orientações na pesquisa filosófica que não são contempladas pelo termo "pós-estruturalismo". Quanto à distinção das suas próprias trajetórias, os desdobramentos do pós-estruturalismo parecem ter se reconciliado com a fenomenologia e a hermenêutica no âmbito da articulação de uma teoria da consciência que determina a pesquisa sobre subjetividade, enquanto as novas expressões do estruturalismo salientam o caráter imanente e intrínseco da ontologia das ciências mais inovadoras, verificado pela geração da figura do sujeito genérico.

Ao contrário do dossiê sobre "Sistema e Ontologia na Filosofia Francesa Contemporânea", o presente não foi planejado. Os artigos reunidos nele se aparentavam espontaneamente por uma semelhança de família não no sentido de concretizar perspectivas que definiriam o pós-estruturalismo de maneira mais uniforme, mas de aprofundar sua polivalência metodológica a partir de linhas de reflexão já constituídas há certo tempo: a relação com a ciência atual de ponta e sua capacidade de produzir novas teorias; a discussão sobre a metodologia que lhe é específica; as consequências das posições teóricas sobre a organização política e a crítica da hegemonia centrada, assim como as novas propostas de economias igualitárias para uma sociedade que rompe com as normas do capitalismo desregulado e sua dinâmica produtiva de precariedade, especialmente em pessoas

negras no País, e destrutiva dos meios de vivência socioambientais; a refutação da estrutura do falocentrismo; a teoria crítica da animalidade pós-humanista; e a relação do pós-estruturalismo com a transcendência. Nesta época de pós-democracia, que decorre da substituição da mediação concreta de dinâmicas transformacionais ou revolucionárias por aquelas do messianismo, o pós-estruturalismo ainda vigora por sua atenção à diferença, quando não à alteridade.

O primeiro artigo do dossiê é do filósofo italiano Alberto Gualandi, doutor pela Université Paris 8. Conhecido no Brasil por seu transluzente livro sobre a filosofia de Gilles Deleuze, Prof. Dr. Gualandi aborda o pensamento francês a partir da epistemologia histórica, a saber, a tradição na qual os principais (pós) estruturalistas parisienses foram formados. Neste artigo inédito, publicado aqui em francês, Gualandi dá seguimento às suas análises comparativas e estruturais ao justapor os escritos do físico quântico David Bohm com a filosofia de Gilles Deleuze. O seu objetivo consiste em verificar como a filosofia da multiplicidade em Deleuze encontra a nova concepção de universo descrita em termos quânticos por Bohm.

No segundo artigo do dossiê, Prof. Dr. Moysés Pinto Neto da ULBRA publica resultados da sua pesquisa sobre o contexto epistemológico formador do pensamento de Jacques Derrida. Para tanto, ele retrata o contexto das pesquisas em linguística comparativa e cibernética conduzidas em Paris nos anos de 1960 em relação às quais a gramatologia derridiana se constituía. O artigo destaca sobremaneira a área da paleoetnologia, o estudo dos seres humanos pré-históricos em seu meio, área criada nos anos 1960 por André Leroi-Gourhan. Quando se considera o impacto do livro, *Le Geste et la parole*, publicado em 1966 por este eminente professor do Collège de France, é simplesmente falsa a recomposição do contexto de produção intelectual francesa que atribui às teses heideggerianas sobre a técnica uma determinação nos projetos dos estruturalistas desta época. Ademais, sem a paleoetnologia de Leroi-Gourhan, não é possível entender Paul Virilio, Bernard Stiegler, e nem completamente Jean-Pierre Changeux. As teses de Heidegger sobre técnica serão difundidas apenas no final dos anos de 1970, ou seja, na época do pós-estruturalismo, momento em que a filosofia se entrelaçara com uma crítica radical das ciências exatas e sociais. De acordo com Pinto Neto, a compreensão do conceito de “*écriture*” perde em inteligibilidade com a omissão deste profícuo período de pesquisa na França.

O dossiê segue com uma contribuição em inglês do Prof. Dr. Nythamar de Oliveira, da PUCRS, sobre a interpretação equivocada da metafísica de Santo Agostinho na destruição da história da metafísica realizada por Martin Heidegger. Decerto, um dos ramos mais produtivos do pensamento

pós-estruturalista tem sido o da teologia desconstrutivista (*deconstructive theology*), cujo proponente mais conhecido é o ex-orientador do autor: Dr. John Caputo. Neste artigo, argumenta-se que a ausência de uma temática explicitamente intersubjetiva no conceito de “cuidado” em Heidegger decorre da interpretação equivocada pelo autor de *Sein und Zeit* da conceitualização agostiniana de Deus, que parece omitir o contexto da conversão pessoal de Agostinho de Hipona ao cristianismo, relatada nas *Confissões*. O conceito de natalidade que Hannah Arendt resgata da sua obra funcionaria então tanto para corrigir o que faltou à analítica existencial de Heidegger, quanto restituir a ontologia com a filosofia judaica. O resultado valoriza uma tradição metafísica que, de acordo com Nythamar, necessita menos de “*Destruktion*” que de desconstrução, pelo qual pode se vislumbrar um gesto que desconstrói a *Destruktion*.

Na continuação das reflexões em torno da desconstrução, o artigo da Prof^a Dr^a Marta Nunes da Costa, da UFMT, objetiva a contextualização e o esclarecimento da polêmica em torno do inquérito que Michel Foucault conduzia sobre neoliberalismo. Esta discussão é pautada no curso de Foucault proferido em 1978-1979, publicado no Brasil em 2010 como *O nascimento da biopolítica*. A autora aplica a metodologia desconstrutivista para situar os limites da análise de Foucault, reintegrando assim o tópico do curso de Foucault em seu projeto mais abrangente de uma arqueogenealogia da veridicção relativa às formas históricas de subjetivação. O curso tem um interesse especial por ter sido ministrado num momento em que a analítica do poder deixou espaço à análise da governamentalidade na obra foucaultiana.

Para concluir o dossiê, a Prof^a Dr^a Larissa Drigo Agostinho oferece uma retomada da leitura crítica feita por Gilles Deleuze e Felix Guattari do caso psicanalítico de Sergueï Pankejeff, o “homem dos lobos”. A autora examina este caso clínico de neurose obsessiva a partir das duas categorias na literatura psicanalítica que antecederam a intervenção em *Anti-Édipo*, sendo elas a teoria da (ameaça da) castração em Freud e a da forclusão em Lacan. Ao contrário da primeira intervenção crítica contra o modelo do complexo de Édipo em Deleuze, que passou pela rearticulação do significado do masoquismo, a rejeição das análises freudianas e lacanianas por Deleuze e Guattari proporcionou a coerência do contra-modelo terapêutico da “esquizoanálise”. Este contra-modelo de uma prática que vai além da clínica marca o rompimento de Deleuze e Guattari com a psicanálise estrutural na medida em que suspeitavam que a ênfase lacaniana com o domínio do simbólico submetia a economia libidinal na obsessão de Pankejeff a um único e predominante significante transcendental. Ora, na descrição recorrente de múltiplos lobos no delírio do paciente, Deleuze e Guattari pensam encontrar a incapacidade de

uma psicanálise pautada em casos de neurose e de psicose a entender a produção de fluxos sensoriais que tipifica, de acordo com eles, a condição esquizô. Ao romper com o simbólico e com o modelo da linguística gerativa, Deleuze e Guattari inauguravam um passo pós-estrutural, o que lhes permitiram aprofundar a busca de novas formas relacionais para acessar aos níveis sociais da subjetivação.

Na seleção de artigos compondo a **Varia**, o artigo do Prof. Dr. Eduardo Luft, da PUCRS, oferece uma discussão sobre a história da ontologia a partir da fonte platônica da ciência do ser enquanto ser. Neste artigo, Luft acrescenta a ontologia deflacionária relacional, típica da estrutura de redes, ao vasto sistema classificatório de ontologias dialéticas historicamente possíveis que ele reúne a partir dos caminhos complementares das suas vias ascendentes ou descendentes. Publicado em tradução inglesa, este artigo inédito perpetua o projeto do autor na busca da verificação da tese segundo a qual apenas aquilo que é coerente é determinante. No artigo seguinte, Prof. Dr. Tarik de Athayde Prata, da UFPE, defende a tese que a autoconsciência, na visão de John Searle, é uma característica (não explicada) do campo unificado de consciência, cujo desdobramento alista o trabalho de D. Rosenthal. A seção Varia se encerra com uma reflexão crítica de Jaime Parera Rebello sobre a Teoria do Erro desenvolvida por John Mackie na área da metaética.

Para terminar este número, o leitor encontrará uma resenha redigida por João Alberto Wohlfart, do IFIBE, da publicação da primeira versão em língua portuguesa do primeiro livro da *Ciência da Lógica*, intitulado por Hegel de “A Doutrina do Ser” (*Die Lehre vom Sein*). Esta tradução monumental foi realizada por uma equipe forte de pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS, coordenada pelo Prof. Dr. Agemir Bavaresco, composta pelos tradutores Drs. Christian Iber, Marloren L. de Miranda, e Federico Orsini, e os colaboradores Drs. Michela Bordignon, Tomas Farcic e Karl Heinz Efken. O livro foi publicado em 2016 pela Editora Vozes.

Gostaria, por último, de agradecer a contribuição de todos os pareceristas, sem os quais nenhum número da *Veritas* poderia manter a qualidade e a originalidade da pesquisa publicada nas suas páginas. Reservo meu agradecimento especial ao bolsista-assistente Maximiliano Oscar Zapata pela ajuda na organização deste número e à equipe da Senhora Ádila Rejane Cunha de Casto, da divisão dos periódicos da Editora da PUCRS, pelo profissionalismo da produção e pela dedicação à qualidade da revista *Veritas*.

Norman R. Madarasz

Professor do Programa de Pós-Graduação da PUCRS